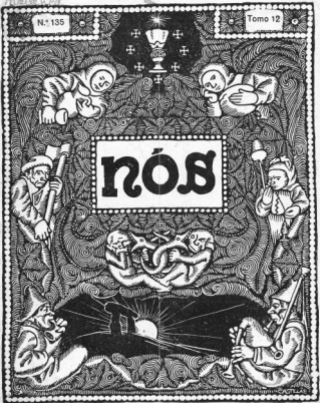


N.º 135

Tomo 12

nós



CASTILLA



BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
Vicente Risco

Direitor Artístico
Alfonso P. Castelao

Administrador

ANXEL CASAL

DIRECCIÓN E REDAUCIÓN:

Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:

SANTIAGO

ABONAMENTO

NOTA

Doce números, na Península 8'00 pesetas.

Fora da Península 8'00 "

Número solo 0'70 "

Este boletín non publicará máis artigos que os que foran directamente solicitados pol-a Dirección. Tampouco se fai solidaria das ideas n-elas emitidas, a non ser das que por nos íren rubricadas, enténdese que son da Redacción.

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

SUMARIO

XOAN ANTONIO SADO AECH por PAULINO PEDRET CASADO.

ALCIBRES, por XOSÉ VELO

GALLIZA, PÁTRIA DA CANÇÃO, por GUILHERME DE ALMEIDA

PRESENCIA DE GALICIA NOS VIRREIS DA ARTE NOVA, por FRANCISCO F. DEL RIEGO

MITTELURÓPA, por VICENTE RISCO.

<p>IMPRESA "NÓS"</p> <p>Facturas - Estados - Libros - Revistas e toda crás de traballos tipográficos</p> <p>Trasmitamos os seus encárragos</p> <p>Rúa do Vilar, 15 SANTIAGO</p>	<p>Vicente Risco</p> <p>Alcagado</p> <p>Santo Domingo, 47.2° Ourense</p>
---	--



GALLIZA, PATRIA DA CANÇÃO

*Pelas mãos amáveisimas, hispâno-brasileiras, de Vidal Reis, usando nos intelectuaes de Galliza —Patria da nossa lingua— a saudade fraternal e a saudade constante dos instantes de emoção que ahí vivei, ha dois annos.
S. Paulo, 16 de Abril, 1935.*

A muito nobre e benemerita «Sociedad Española de Socorros Mutuos e Instrucción», de Santos, quiz que eu viesse redimir aqui as palavras que tive a honra e a ventura de dizer —não faz ainda dois mezes— por ocasião do Primeiro Congresso das Sociedades Hespánholas do Estado de São Paulo. E eu quero vêr, nessa ordem que ora deliciosamente cumpro, meos do que uma homenagem a um simples escriptor desta mi há terra, o vosso desejo constante de união mental entre vós mesmos e, simultaneamente, de mais estreita convivência espirital com a gente minha patriaia, com quem tão bem collaboraes e que tanto vos admira e vos deve. Permitti que eu vos felicite por essa vossa alta intenção que se vae, dia a dia, afirmando em nitida, magnífica realização.

Realização que não me surpreende. Realizadores nasceses e o ídes sendo constante e superiormente. Eu sei, galogos do histrio de São Paulo, o vosso trabalho abnegado, tenaz e fecundo. Não esmoreceis jamais. Não paires nunca em ócios molinhosos. Trazeis no instincto, na memoria do sangue, o gosto ácido da luta e o impeto solto da aventura. Por isso, tão bem vos daes e dissolveis com a gente «bandeirante». Eu sei onde está, eu sei o que faz, eu sei o que vale o meio milhão de almas e musculos galogos espalhados, como sementes optimas, no fertil chão pau-

lista. Eu sei que, quando a nossa ancia congénita de construção nos leva ao mais longe possivel da nossa gléba, o forte braço galego é sempre o primeiro que se tranca e torce ao nosso para formar a corda vigorosa que arrastra para o sertão selvagem o carro triumphal do Progresso. Eu sei que, com o vosso espirito peninsular de independencia, não sabeis ser apenas colonos, mas vos fazeis logo donos: mas donos que tão legitima e amoro-amente vos identificaes com a vossa propriedade, que vós é que ficades sendo propriedade della— e não deixades São Paulo, nunca mais...

Tudo isso eu sei. Mas vós não sabeis que eu sei. Porque eu sou apenas um poeta. E os poetas —dizem— não devem «saber»: devem sómente «imaginar»... Mas, meus amigos, antes de ser poeta, eu sou paulista. Paulista, em primeiro lugar, antes de tudo. Isto é: eu não sou um «poeta paulista»: eu sou um «paulista poeta»... E qualquer paulista que sabe a sua historia, que sabe a sua raça e que sabe a sua terra, ha de, por força, saber o muito que fizestes pela nossa historia, pela nossa raça e pela nossa terra; ha de, por força, saber que, varando luminosamente toda a nossa historia, emborendo a nossa raça, arraizandose, florindo e fructificando em nossa terra, ha, por exemplo, dentre outros muitos intimamente ligados á grande familia paulista, um nobre nome hespanhól que p-e

si mesmo se qualifica e define: «Bueno», isto é, «Bom».

•••

Ha dois annos, eu estava, extasiadamente, em terras de Galicia. Não foi um puro acaso, não foi um cego destino que para alli me levou. Foi um impulso, talvez inconsciente, instinctivo no momento; mas, depois, consciente, reflectido, proposital. Um desses subitos retornos sobre si mesmo, em que a gente se encontra bruscamente consigo mesma, estremece e extranha um instante, para logo depois se reconhecer e calmamente se admirar.

Corriam os últimos dias lindos de março de 1923. Era a «Semana Portuguesa de Vigo». Como as aguas doces do Minho, que deslizam entre terras lusas e terras galegas, toda a doce gente portuguesa — e eu com ella — correu para a doce gente galega. Ao transpor, entre Valença e Tuy, sobre o rio a ponte longa, que não tem apenas um gesto material de ponte,

«senón de brazos d'irmans,
que d'anha á outra ribeira
estroitan as suas mans».

enquanto eu me perguntava: «Ter se-á mesmo acabado Portugal?», já ia ouvindo as commovidas aguas, que são vossas e que são nossas, responderem-me cantando o, cantar de um vosso e nosso grande poeta:

«Non, non pode ser qu'o Miño,
nado en terra galicián,
sopare do noso chan
o chan d'un povo veciño
e, mais que veciño, irmán».

E, guiado por esse rhythmico que marcava o andar dos meus pés e dos meus pensamentos, foi que pisou as primeiras pedras de Vigo. E ahí, então, eu vi e comprehendí a irmanação, a identificação total e immediata dos dois povos. E eu tambem entrei logo, e logo me dissolvei no cadinho onde os dois sangues affins se fundiam. Tudo era de um e de outro ao mesmo tempo. O typo physico, os costumes, a lingua — cruzavam se sub-

terraneamente, como as raizes, para virem á superficie do solo, como os troncos, e separarem-se aparentemente, no cto, como os galhos, as folhas, as flores, os frutos... Uma palavra, então, appareceu, luminosissima, em todos os periodicos, em todos os cartazes, em todos os labios, que me aclarou tudo: «tronalidá». Sim, era a «tronalidá» — o tronco, o que está entre a terra e o cto, o que é unido, o que é feixe, o que não é perdido multiplo em innumeraveis raizes, nem esfarelamento aéreo em gallaria, folhagem, floração e fructificação. «Tronalidá»... Que magica palavra! Aquillo, aliá, a Galliza, era a «tronalidá»: a patria primeira da minha raça; e ainda mais, da minha lingua; e, mais ainda, da minha canção... Lembro-me bem... Quando, num hotel de Vigo — e um hotel que, providencialmente para mim, ficava perto da rua de Curros Henriques —, sobre um primeiro cartão postal, eu escrevi, com a data, o nome «Vigo», a minha penna, toda perdida do vicio bem feio e bem inutil de rimar, quiz, por força, escrever por baixo a palavra «amigo». «Vigo» — rima que ficou para todo «cantar-de-amigo». Pois si existe até, num nosso cançãoeiro, um trovador que se chama Martin de Vigo... E existe até uma «delgada» que se chama «Dona Vigo»:

«O anél do meu amigo

perdi-o solo verde pino;
Porén chor'es Dona Vigo:
E chor'eu bella!

Vigo... Perto dali e naquella lingua se fez o primeiro cantar-de-amigo: o primeiro amor que precisou do berço de um verso para, nelle e da sua cadencia de embalo, sorrir sonhando... Perto dali e naquella lingua compôs Don Sancho I, para que a sua «Ribeirinha» o cantasse, o cantar primeiro que la trazer ao heroico verso provençal o que a poesia limosina não tinha: amor.

«Ay eu coitada como vivo,
En gran cuidado por meu amigo
Que hei alongado...»

Sim, eu senti e compreendi ali a «troncalidade». Não só da raça, nem só da lingua, mas também — e, para mim, principalmente — da poesia. A «troncalidade» da arvore geneologica da nossa poesia.

Arvore nobilissima! Filha de Reis, ella brotára na Provença de ha dez seculos, entre oliveiras e laranjeiras e amorceiros, e toda abraçada das vinhas peçadas do sul do Loire. Das suas raizes aristocraticas, sensíveis e vibráveis, cortaram se laminas secas e acísticas que se vergaram, finas para o bojo gemente da «mandore», ou se enrolaram, ásperas, para a roda rangente da «vielle». E, da «vielle» e da «mandore», poetas-reis, poetas barões, poetas-senhores, poetas cavalleiros tiraram o «ai» langoroso das «aubades», ou o riso fino das «sirventes». Era o natal da canção. Era Guillaume de Peitiers dizendo á sua terra, caminho da Palestina, o seu cortado e rouco «Chant d'Adieu»; Ricardo Coeço de Leão, pedindo, com Blondel, do torrão onde estão captivos, o seu resgate, na lamentação cavalleiresca de uma «retrosenges»; Guy, castello de Coucy, poeta-cruzado, chorando a sua «dame, compagne et amy» que ficava em França; Jean de Brienne, Rei de Jerusalem, e Imperador de Constantinopla, conquistando, numa «pastourelle», uma «pastoure»; era Bertram de Born, Senhor de Hautfort, no Périgord; Rambaud III d'Orange, Bernard de Ventadour, Conde de Béthune, Arnaut de Mareuil... Eram todos aqueles grandes gentilhomens de almas brancas e nomes ambrósios que, entre as pedras semelhas e brancas dos «mansoirs» da linda França, sabiam «la gayo science», e ali ficavam, pelas primaveraes intencas até ao primeiro cair das folhas, a «tourner gentiment des vers» na «langue d'oc» de tambor dos «troubadours»...

Desceu dahi, dessa Provença capitosa, do cheiro de amor das suas flores de laranja, do sabor appetitivo das suas olivas, o beijo de bocca pintada das suas amóras quentes, do mesmo fresco das suas uvas ácidas pisadas nas tinas. ; desceu dahi uma fina e perfurante raíz da arvore senhora e abstrou se, estirou se, silenciosa, subterranea, longa, verrumante, furando a rocha fina

dos Pyreneus, varando as terras ericadas de Hespanha, para rebentar o solo simples e laborioso da Galliza e ali respirar, tomar folego, subir no ar em tronco novo e forte.

A gléba era boa. Adubada generosamente de sangues invasores derramados em lutas escuras, ali ricejava uma lingua abundante, compósita, variegada e versátil. A polychroma, a flexibilidade, a inquietude, ao bulício, á vivacidade imitativa do ltim juntára se a aspereza de tropéu das linguas germánicas despeçadas do Norte beumoso, em bordas de vândalos, suévos e alanos; e juntára se tambem a languidez cantante da modulada algaravia mourisca. Ora, um lyrismo proprio, independente, original, permanente peninsular, nascido das sombras do Seculo XII e fora do influxo provençal, já ali cantava, pelo rhythmo mais velho dessa lingua, do nosso galleico portuguez, pela monotonia plangente e repetida do verso «paralelístico», ou, em hespanhól, «o-ssante». Cantava...

«...Solo ramo verde froído
Vodas fazen ao meu amigo
E choran olhos d'amor.
Solo verde froído ramo
Vodas fazen a meu amado
E choran olhos d'amor...»

Cantava... Era a Galliza, era a Arcádia Catholica, terra de pastoreios, romarias e lavras, com aveleirinas, estoreinhos, pastoras louçanas, verdes pinos, ribeiros, hermanas, mães e amigos...

Ora, era essa mesma Galliza que, ha dois annos, eu pisava religiosamente. Eu ia, de Vigo a Santiago de Compostela, e de Santiago à Cruña, por aquella grande horta e jardim plantados de «cruzellos», de cerejeiras, de salgueiros grossos de elephantiasis, de casares rústicos com os «canastos» ao lado, como «Capellinhas do Santo Ph», onde se guarda o trigo bom abecocado pelo signal da Santa Cruz... Ia... E do compasso do meu passo por aquella terra santinha de que brotára a canção de amor, fui despertando e elevando-se, como herva nova, rhythmos velhos:

•Ay estorninho do avelanall
Quando cantades vós moir'eu;
E peno, e d'amores ei mal'...
.....
•Que coita tamanha ei a sofrer
Por amar amigo e non o veer'...
.....
•Digades filha, minha filha velida,
Porque tardastes na fontana fria?
Os amores ei' ..

Em torno de mim, dos versos da minha antiga língua, que eu dizia, estava a Galiza, a sempre a mesma Galiza, a humilde, a encolhida, a religiosa, a resignada Galiza dos ternos diminutivos de Rosalia de Castro:

•Airiños, airiños, aires,
Airiños da miña terra;
Airiños, airiños, aires,
Airiños, leváime a elal
.....
Lugar máis hermoso
Non houbo n'a terra,
Q'aque'l que eu miraba,
Q'aque'l que me dera.

Lugar máis hermoso
N'o mundo n'hachara,
Q'aque'l de Galicia,
Galicia encantada!

Galicia froída!
Cal ela ninquanha,
De frotes cuberta,
Cuberta de espumas!..

Como se misturavam e se completavam e se confundiam totalmente estes versos gallegos e aqueles versos portugueses: a sua língua e o seu rhythm e o seu pensamento! Porquê... Porque eu as levava comigo — as trovas do Cancioneiro — de volta ao seu país de origem. Era um «reconhecimento», era um repatriamento. Era uma reintegração. Por ali parece que não passara o Tempo. Os vossos versos de hoje eram os nossos versos de hontem...

Galiza... Pátria da canção de amor! Ahí nasceu o rhythm do nosso sangue — o sangue gallego-português — que sabe bater, só

ele, com essa enternecedora cadencia. Por ahí reinou, metrificando a vida, a corte poética de el-rei Dom Denis. A poesia era a lei. A canção era a fala do throno. O Cancioneiro era o thesouro nacional. E o Rei Trovador — que tinha a canção gallegiana toda «guayada», as suas sercanilhas todas soltaçadas de «latido», porque

•O cantar do galleguño
É cantar que nunca acaba,
Que empeça com *Falalala*
Y acaba com *Falalala*...;

que tinha as «leilas», o «eterno lelo», como o chama um proverbio vasconço, que tinha a «morriña gallega», como se dizia em Hespanha —; o Rei Trovador, muito orgulhoso de tudo isso, não invejava o provençal, porque muito bem sentia que «os provençales saben mui ben trobar... mas nam an tal coyta qual eu ei sen par». A «coyta»: o cuidado, a magia, o mal de amor... que é grande bem! Dom Denis descobria assim; e assim definiu e fundava a poesia mais poética, o lyrismo mais lyrico de todas as linguas, de todas as raças e de todos tempos. Só mesmo a tristeza doce do gallego e a doçura triste do portuguez seriam capazes de dar o que faltava — sentimento, alma, consciência — á bravura, gentileza e brilho da canção de Provença.

E deram. E o endecasyllabo limosino, fundido no «tono» e ao «son» da «arte que mayor se chama», e cantado ahí onde o logar era amoravel e a gente amorosa, ora encolheu se todo da timidez das que sabem viver de amor, ora todo se alargou da grandeza dos que sabem morrer de amor...

Ahí está, minhas senhoras e meus senhores, apenas enunciado um thema: Galiza, Pátria da Canção. Por mim, si de mim dependessem as minhas vontades e a minha capacidade, eu o teria exposto e desenvolvido como elle reclama e merece. Mas... a gente depende sempre de todos, de tudo, menos de si mesma.

Com os meus agradecimentos pela distinc-

tíssima gentileza desta vossa recepção tão honrosa e tão amiga, pela magnanimidade da vossa tão usada e abusada atenção, ahí vos deixo, entregue, o meu fraco empenho. Elle é apenas uma idéa: um golpe secco no tubo acústico do crystal da vossa intelligencia e da vossa sensibilidade. Dentro de vós mesmos, o pequeno ruído da minha palavra e do meu pensamento ha de desenvolver-se á vontade, solto, livremente: e ha de ir se desenrolando, desdobrando, multiplicando, emovelando, esvoaçando em ondas de resonancias longas, lentas, ascensionaes, innumeravris, multifórmas... Que esse esvoaçar do meu pensamento e da minha palavra tenha, neste instante, para vós, apenas o valor sentimental de recordar, de trazer vos aos olhos e ao espirito uma sombra e um eco da vossa terra distante — vossa terra que tambem é nossa, como esta nossa terra é vossa tambem; que seja uma repercussão, um sotaço de longe, como si estivesseis ouvindo agora a vossa grande e dolorida Rosa-

lia de Castro dizer-vos versos de saudade; como si de lá, daquella terrinha mansinha de airozinhos purinhos e caminhiños sósinhos nas manhaszinhas rosadinhas; de lá, da vossa singela e torturada Galliza dos «paizanos probes» e das «mozas» de chate debuxados por Castello, cheios da sua inconsciente e digna «galleguidade»; de lá, onde cantem as «gnitas» e as «pasdeiras», — a vossa grande e dolorida Rosalia de Castro vos estivesse dizendo, debruçada sobre as aguas bravas e verdes do Cantábrico que vêm se espreguiçar e morrer, mxturadas ao vosso nobre suôr, nas pedras rectas desse céus de Santos que vós ajudastes a fazer:

«Si a mar tivera barandas
Fórate ver ô Bessil;
Mais a mar non ten barandas,
Amor meu, por donde hei d'ir?»...

GUILHERME DE ALMEIDA

Santos, 13 de abril de 1903.

Inserimos hoxe a sentida e magnífica conferencia que en col de «Galliza Pátria da Canção» pozouse na cidade de Santos o insite poeta brasileiro Dr. Guilherme de Almeida.

Guilherme de Almeida pertence á gran familia de fala gallico-portuguesa, impu-
la en verbas de fonda fraternidade a lembranza lirica dunha época e dun senso de beleza e continuidade de tradición e compaña. Sabe do albre ben plantado na terra nativa peo o que rube nun maio de ledicia e de vida, todo o sangue poético dunha lingua e dun sentir comúns, e diceo en sixzela conversa de artista.

Guilherme de Almeida fillo da civilidade e da rebeldía. Poeta é escusoso estro, tatuado na carne vexetal da súa Terra, runxidos de loita i epizafios de revolución, cantáronlle nos ovidios todol-os anecios de sentir a comarca como vicima. I en canto insinúa o cerne do martirio faise música patriótica i ergueita a súa sensibilidade terruqueira.

Ao saído cordial e garimoso do poeta irmán, correspondemos nós coa arela saudosa dun interroque firme e seréo nos destilios comúns, a que nos condax a identidade de lingua que é comunián final dun mesmo espirito nos dous pobos.

